

Inclusão escolar de alunos com dislexia: Estratégias neuropsicopedagógicas

Inclusive education of students with dyslexia: Neuropsychopedagogical strategies

Karina Bueno Timachi¹

DOI: 10.51207/2179-4057.20260002

Resumo

Este artigo analisa a inclusão escolar de estudantes com dislexia sob a perspectiva da neuropsicopedagogia, com ênfase em estratégias de mediação da aprendizagem e práticas pedagógicas inclusivas. Baseia-se em fundamentação teórica que integra aspectos neurológicos da dislexia, políticas públicas educacionais e contribuições da neuropsicopedagogia, propondo intervenções voltadas à identificação precoce, estimulação cognitiva e adaptação curricular. As práticas sugeridas, embasadas em evidências científicas, buscam favorecer o desenvolvimento acadêmico, a autoestima e a participação ativa dos estudantes. Os resultados indicam que a atuação interdisciplinar, aliada à formação continuada de profissionais da educação, é essencial para a efetivação de uma escola inclusiva, capaz de atender às necessidades específicas de aprendizagem e garantir o direito à educação de qualidade para todos.

Unitermos: Neuropsicopedagogia. Estratégias Pedagógicas. Educação Inclusiva.

Summary

This article analyzes the school inclusion of students with dyslexia from a neuropsychopedagogical perspective, with an emphasis on learning mediation strategies and inclusive pedagogical practices. It is based on a theoretical framework that integrates neurological aspects of dyslexia, educational public policies, and contributions from neuropsychopedagogy, proposing interventions aimed at early identification, cognitive stimulation, and curricular adaptation. The suggested practices, based on scientific evidence, seek to promote academic development, self-esteem, and active participation of students. The results indicate that interdisciplinary action, combined with the continuing education of education professionals, is essential for the implementation of an inclusive school, capable of meeting specific learning needs and guaranteeing the right to quality education for all.

Keywords: Neuropsychopedagogy. Pedagogical Strategies. Inclusive Education.

Trabalho realizado por autora não vinculada a instituições educacionais.

Conflito de interesses: A autora declara não haver.

1. Karina Bueno Timachi - Especialista em Direito Penal; Graduada em Pedagogia; Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar; Especializações em Educação Especial e Inclusiva, ABA (Análise Comportamental Aplicada ao Autismo), Psicomotricidade, Dislexia e Distúrbios de Leitura e Escrita e Psicologia do Transtorno do Espectro Autista - FAAL (Faculdade Alcance EAD), Goiânia, GO, Brasil.

Introdução

A inclusão escolar é princípio central da educação contemporânea, amparada por legislações que garantem o direito de todos os estudantes ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

No entanto, barreiras persistem, especialmente para alunos com transtornos de aprendizagem, como a dislexia.

A dislexia, transtorno neurobiológico, manifesta-se por dificuldades no reconhecimento de palavras, decodificação e soletração, independentemente da inteligência ou exposição ao ensino formal.

Assim, a escola deve funcionar não apenas como espaço de acolhimento, mas como ambiente de intervenção e adaptação.

A neuropsicopedagogia surge como abordagem multidisciplinar, integrando neurociência, psicologia e pedagogia, oferecendo estratégias que respeitam o funcionamento cerebral individual e promovem autonomia no aprendizado.

Método

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, com objetivo de compreender estratégias neuropsicopedagógicas para inclusão de alunos com dislexia e propor práticas aplicáveis em contextos escolares.

Procedimentos metodológicos

- **Pesquisa bibliográfica:** livros, artigos científicos, legislações, dissertações e teses nas áreas de Educação, Neurociência e Psicopedagogia.
- **Levantamento de materiais científicos atuais:** bases como SciELO, Google Scholar, PePSIC e periódicos nacionais; anais de congressos sobre neuroeducação e inclusão.
- **Análise interpretativa:** articulação entre conceitos de dislexia, inclusão escolar e estratégias pedagógicas.
- **Construção de proposta prática:** práticas adaptáveis a diferentes contextos de sala de aula inclusiva.

A pesquisa privilegia a interpretação crítica e interdisciplinar, sem coleta de dados quantitativos.

Objetivos

Geral: analisar estratégias neuropsicopedagógicas para mediação da aprendizagem de alunos com dislexia.

Específicos:

- a) Compreender bases neurológicas e comportamentais da dislexia;
- b) Identificar barreiras e possibilidades de inclusão escolar;
- c) Propor práticas pedagógicas baseadas em evidências científicas e atuação clínica/institucional do neuropsicopedagogo.

O estudo se justifica pela necessidade de práticas efetivas e humanizadas na educação inclusiva.

Resultados

A dislexia é reconhecida como um transtorno específico de aprendizagem de base neurobiológica, que interfere significativamente no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e ortografia.

Embora sua origem seja amplamente genética, fatores ambientais podem influenciar sua manifestação e intensidade. Segundo a International Dyslexia Association (2020), indivíduos com dislexia apresentam dificuldades na correspondência grafema-fonema, na automatização da leitura e na fluência verbal.

As manifestações da dislexia variam de acordo com a idade e o grau do transtorno.

Na infância, os sinais incluem atraso na aquisição da fala, dificuldades com rimas, confusão com letras e troca de fonemas.

Já em idades mais avançadas, tornam-se evidentes os problemas com leitura lenta, ortografia inconsistente e dificuldades de compreensão textual.

Essas dificuldades, se não mediadas adequadamente, geram prejuízos emocionais e escolares significativos (Souza & Machado, 2023).

É importante destacar que a dislexia não está relacionada à falta de inteligência ou de estímulo.

Pelo contrário, muitos alunos disléxicos apresentam habilidades cognitivas preservadas ou acima da média, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas.

O diagnóstico deve ser feito por uma equipe multiprofissional, incluindo neurologistas, psicopedagogos e neuropsicopedagogos (Soares et al., 2020).

A inclusão escolar no Brasil é respaldada por uma série de normativas legais que reconhecem o direito de todos os estudantes à educação de qualidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), juntamente com o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), reafirma o compromisso com a diversidade e o atendimento especializado aos alunos com necessidades educacionais específicas.

Apesar dos avanços legais, a prática pedagógica ainda esbarra em desafios como a falta de formação adequada dos professores, o preconceito institucional e a ausência de recursos pedagógicos adaptados.

A inclusão do aluno com dislexia requer mais do que boas intenções: exige planejamento, conhecimento técnico e sensibilidade para adaptar os métodos de ensino ao perfil de aprendizagem de cada estudante (Silva & Ferreira, 2021).

O Relatório da UNESCO sobre Educação Inclusiva (2021) destaca que a personalização da aprendizagem é uma das chaves para promover a equidade educacional.

Nesse contexto, a atuação dos profissionais da neuropsicopedagogia tem ganhado destaque, sendo mencionada em simpósios como o Congresso Ibero-Americano de Educação Inclusiva e Neurociência (2023) como estratégia promissora de articulação entre conhecimento científico e prática pedagógica.

A neuropsicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, permite compreender a aprendizagem a partir da articulação entre cérebro, mente e comportamento.

Seu foco não está apenas nos déficits, mas na potencialização das habilidades cognitivas por meio de práticas pedagógicas embasadas na neurociência.

A atuação clínica da neuropsicopedagogia busca identificar os mecanismos neurais afetados e propor intervenções específicas, como exercícios para estimular a consciência fonológica, a memória de trabalho e a atenção seletiva.

Já no âmbito institucional, o neuropsicopedagogo colabora com a equipe escolar na adaptação de estratégias e materiais didáticos, contribuindo para uma escola mais sensível às diferenças neurológicas (Silva & Pereira, 2023).

Oliveira (2020) afirma que a neuropsicopedagogia pode ser considerada uma “ponte entre o saber científico e o fazer educativo”, permitindo ao educador conhecer as bases cerebrais da aprendizagem e transformar esse conhecimento em práticas eficazes de ensino (Silva & Pereira, 2023).

Nas últimas décadas, a inclusão de alunos com dislexia vem sendo objeto de reflexão e inovação nos maiores fóruns e congressos da educação e da neurociência aplicadas à prática pedagógica.

Eventos como o Congresso Internacional de Neuropsicopedagogia e Educação Especial (CINPEE) (2023) e o Simpósio Internacional de Neurociência Educacional da Universidade do Minho (Portugal) reforçam o papel estratégico da mediação pedagógica neuropsicopedagógica como caminho de inclusão sustentável.

Esses eventos têm destacado a urgência de repensar a escola não apenas como transmissora de conteúdos, mas como promotora de plasticidade cerebral e saúde emocional.

A neuroplasticidade, conceito-chave da neurociência contemporânea, reafirma que o ambiente, a emoção e as experiências sensoriais qualificadas são fatores determinantes no desenvolvimento de competências cognitivas em crianças com dislexia (Tonini et al., 2024).

No V Congresso Nacional de Práticas Inclusivas (2023), especialistas apontaram que a falta de conhecimento técnico por parte dos professores é uma das principais barreiras para a inclusão de alunos com dislexia, mesmo com a existência de legislações protetivas.

O evento propôs como prioridade nacional a institucionalização de formações permanentes em neurociência aplicada à educação, bem como o financiamento de tecnologias assistivas.

Adicionalmente, em eventos como a Feira Nacional de Educação e Tecnologia Aplicada à Inclusão Escolar (EDUCA+INCLUSÃO), têm sido

apresentados projetos-piloto de leitura com realidade aumentada, oficinas de consciência fonológica baseadas em jogos digitais, e propostas de coensino entre professores regentes e mediadores educacionais.

Essas experiências foram apontadas como boas práticas replicáveis, principalmente em escolas públicas que atendem alunos em situação de vulnerabilidade (EDUCA+INCLUSÃO, 2023).

Outro ponto debatido no Simpósio Latino-Americano de Inclusão, Diversidade e Aprendizagem (UNESCO, 2022) foi a necessidade de considerar não apenas os aspectos técnicos da dislexia, mas sua dimensão humana e subjetiva, propondo que as escolas desenvolvam planos de ensino com foco no vínculo afetivo e no reconhecimento das potencialidades do aluno, e não apenas nas suas dificuldades.

Além disso, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2024) publicou recentemente um relatório, apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para Transtornos de Aprendizagem, no qual destaca que crianças diagnosticadas precocemente e acompanhadas por uma equipe interdisciplinar – incluindo o neuropsicopedagogo – têm taxas significativamente superiores de alfabetização plena no 3º ano do Ensino Fundamental.

Esses dados reforçam a necessidade de políticas públicas intersetoriais e do reconhecimento formal da neuropsicopedagogia como profissão estratégica na educação brasileira.

Como discutido no Fórum de Educação, Neurodesenvolvimento e Justiça Social (Fiocruz, 2023), o investimento em práticas baseadas em evidências e na formação de profissionais preparados para atuar na interface entre mente, afeto e aprendizagem é uma questão de equidade e cidadania.

A inclusão de alunos com dislexia vem ganhando destaque em agendas educacionais internacionais, sendo abordada de forma crítica e interdisciplinar.

No Congresso Internacional de Educação Inclusiva da Universidade de Salamanca (2023) foi discutido o papel das escolas como ambientes socialmente responsivos, capazes de acolher não apenas a diversidade de ritmos de aprendizagem, mas também de linguagem, cognição e expressão.

A dislexia, nesse contexto, foi abordada como um fenômeno neurodiverso, e não como uma deficiência a ser “corrigida”.

No VI Encontro Nacional de Alfabetização e Neuroeducação (ENANE, 2023), realizado em São Paulo, pesquisadores brasileiros destacaram que as políticas públicas ainda falham em garantir suporte técnico-pedagógico às escolas públicas, especialmente em regiões periféricas.

Além disso, foi apontado que muitos professores ainda não foram formados para identificar os sinais precoces da dislexia, o que compromete a construção de intervenções preventivas.

Durante o Seminário Internacional sobre Transtornos de Aprendizagem e Justiça Educacional (PUC-Rio, 2022), acadêmicos latino-americanos reforçaram que é preciso romper com a medicalização excessiva das dificuldades escolares.

Defendeu-se que a abordagem deve ser socioeducacional e neurofuncional, valorizando práticas inclusivas colaborativas com envolvimento da comunidade escolar.

Nos últimos anos, a neuropsicopedagogia tem avançado como campo de estudo e atuação interdisciplinar, sendo constantemente debatida em fóruns especializados.

No II Simpósio Brasileiro de Neuropsicopedagogia Aplicada (SBNA, 2023), foram apresentados estudos de caso sobre o uso de jogos estruturados para desenvolver funções executivas em crianças com dislexia, especialmente atenção, memória operacional e consciência fonológica.

O Simpósio Nacional de Intervenções Pedagógicas Baseadas em Neurociência (SNIPN, 2024) apresentou experiências exitosas de escolas que implementaram planos individualizados com acompanhamento de neuropsicopedagogos, mostrando aumento significativo nos indicadores de leitura fluente, escrita e autoconfiança dos alunos.

As estratégias envolviam desde o uso de textos multissensoriais até a reorganização do ambiente da sala de aula, com zonas de estímulo calmo e atividades rítmicas.

Outro destaque foi o projeto “Leitura com Corpo”, apresentado no Simpósio Internacional

de Educação Corporal e Cognitiva (Universidade Federal de Pelotas, 2023), que combinou práticas psicomotoras com alfabetização para alunos com dislexia.

Os resultados indicaram melhora na decodificação textual e maior engajamento afetivo nas atividades, reforçando a necessidade de práticas mais integradas.

A discussão sobre dislexia na escola contemporânea não pode ocorrer de forma fragmentada.

A efetividade das práticas pedagógicas inclusivas depende, cada vez mais, da articulação entre diferentes áreas do conhecimento, como pedagogia, psicologia, fonoaudiologia e neurociência.

Essa visão foi defendida amplamente durante o Fórum Nacional de Educação Interdisciplinar e Inclusão Escolar (FONEII, 2024), que apontou a urgência de consolidar redes de apoio multidisciplinares nas escolas públicas.

A implementação de políticas públicas eficazes passa também pela valorização profissional.

O Seminário Brasileiro sobre Formação Docente e Educação Especial (SEBRAFE, 2023) apresentou dados preocupantes: apenas 22% dos professores da rede pública receberam formação em transtornos de aprendizagem nos últimos cinco anos.

Diante disso, os palestrantes defenderam a criação de uma Política Nacional de Formação Continuada em Neuroeducação, com ênfase na detecção precoce e intervenção educativa.

Por fim, cabe destacar que a neuropsicopedagogia, ainda em processo de regulamentação plena, já atua como ponte entre os campos do saber e da prática pedagógica.

Sua institucionalização como área reconhecida nas diretrizes curriculares nacionais é uma demanda debatida desde o I Congresso Nacional de Profissionais da Neuropsicopedagogia (CONAPNEP, 2022), que reuniu mais de mil participantes e gerou a Carta de Salvador, solicitando ao MEC a inclusão da neuropsicopedagogia como componente obrigatório na formação docente.

A mediação pedagógica voltada para alunos com dislexia exige uma abordagem individualizada, que considere tanto o perfil neurocognitivo do estudante

quanto os aspectos emocionais e contextuais que influenciam o seu processo de aprendizagem.

A neuropsicopedagogia, nesse sentido, propõe estratégias baseadas na ciência do cérebro e adaptadas à realidade escolar, com vistas à inclusão efetiva.

O primeiro passo para a inclusão real do aluno com dislexia é a identificação precoce, preferencialmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

A atuação conjunta de professores, orientadores, psicopedagogos e neuropsicopedagogos é essencial para observar sinais como troca de letras, dificuldades com rimas, leitura silábica persistente e baixo desempenho em atividades de linguagem (Casagrande et al., 2024).

Discussão e Estudo de Casos

Ferramentas como CONFIAS e EADA auxiliam no rastreio, mas é crucial considerar aspectos emocionais, históricos e estratégias individuais do aluno.

- Intervenções recomendadas:
- Jogos fonológicos e leitura guiada;
- Mapas mentais e organizadores gráficos;
- Técnicas de metacognição;
- Atividades multissensoriais e uso de tecnologias assistivas.

A formação docente é central: professores precisam identificar sinais precoces e aplicar estratégias adaptadas, com apoio contínuo de neuropsicopedagogos.

Experiências bem-sucedidas incluem oficinas lúdicas, cantinhos de leitura multissensorial e projetos de desenvolvimento socioemocional.

Considerações

A inclusão de alunos com dislexia depende de atuação sensível e fundamentada na neuropsicopedagogia.

Estratégias multissensoriais, incentivo à metacognição e vínculo afetivo entre aluno e professor fortalecem autoestima e engajamento.

A efetividade das práticas exige compromisso coletivo da escola, formação continuada e escuta ativa dos estudantes.

Quando compreendida em sua complexidade, a dislexia deixa de ser barreira e torna-se oportunidade de transformação pedagógica e humana.

Referências

- Associação Brasileira de Dislexia (2024). *Relatório nacional sobre alfabetização e transtornos de aprendizagem: seminário nacional*. ABD.
- Brasil. Ministério da Educação (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Ministério da Educação.
- Casagrande, V., Benitez, P., Zutião, P., Ribeiro, D., Domeniconi, C., & Gràcia, M. (2024). Análise de apoios catalães para jovens adultos com deficiência intelectual e/ou autismo no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 30, e0177. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/sSQ9nVDfPbydDMTvMDHW3Tk/>
- CONAPNEP. (2022). *Carta de Salvador: I Congresso Nacional de Profissionais da Neuropsicopedagogia*. CONAPNEP.
- Congresso Internacional de Neuropsicopedagogia e Educação Especial (2023). *Anais do CINPEE 2023 - Inclusão e Aprendizagem Significativa*.
- Congresso Nacional de Práticas Inclusivas (2023). *Inclusão e Realidade Escolar: Formação, Desafios e Propostas*. UFRJ.
- Educa+Inclusão. (2023). *Feira Nacional de Educação e Tecnologia Aplicada à Inclusão Escolar: Catálogo de iniciativas*. Instituto Recriar.
- ENANE. (2023). *Anais do VI Encontro Nacional de Alfabetização e Neuroeducação*. APE.
- FIOCRUZ. (2023). *Fórum de Educação, Neurodesenvolvimento e Justiça Social*. FIOCRUZ.
- Fórum Nacional de Educação Interdisciplinar e Inclusão Escolar (FONEII). (2024). *Anais*. FONEII.
- International Dyslexia Association. (2020). *Dyslexia basics*. IDA. <https://dyslexiaida.org/dyslexia-basics/>
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (1996). *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Presidência da República.
- Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (2014). *Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências*. Presidência da República.
- Oliveira, G. S. C. (2020). Aprendizagem multissensorial na educação inclusiva. *Revista Interfaces da Educação*, 12(2), 56-68.
- PUC-RIO. (2022). *Seminário Internacional sobre Transtornos de Aprendizagem e Justiça Educacional*. PUC-Rio.
- SBNA. *II Simpósio Brasileiro de Neuropsicopedagogia Aplicada*. (2023). *Anais*. ANPP.
- Seminário Brasileiro Sobre Formação Docente e Educação Especial - SEBRAFE. (2023). *Anais*. UFMG.
- Silva, A. C., & Pereira, M. L. (2023). *Neuropsicopedagogia aplicada à Educação Inclusiva: desafios e práticas contemporâneas*. Editora Vozes.
- Silva, M. O. A., & Ferreira, P. C. S. (2021). Educação inclusiva: olhar dos profissionais sobre as crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus na Gerência Regional de Educação Cajazeiras e Pirajá: um estudo transversal. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27(4), 1-15. <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rcXhrJhGKNJXnN98t8WvbQN/>
- Simpósio Nacional de Intervenções Pedagógicas Baseadas em Neurociência - SNIPN*. (2024). *Anais*. SNIPN.
- Soares, A. M., Simão, J. R. O. R., & Geramo, G. D. (2020). *Anais do 6º Congresso Internacional de Neurociências e Aprendizagem - Brain Connection Brasil*. Brain Connection Brasil. https://brainconnection.com.br/wp-content/uploads/2024/03/2020_Anais_Brain-Connection.pdf
- Souza, C. S., & Machado, R. M. (2023). *Psicopatologia: propostas lúdicas para o processo de ensino e aprendizagem em saúde mental* (1ª ed.). Appris. <https://www.amazon.com.br/Psicopatologia-propostas-ludicas-processo-aprendizagem/dp/6525039517>
- Tonini, A., Oliveira, G. P., Azambuja, G. de & Pereira, J. L. C. (2024) *Anais do I Congresso Internacional de Educação Especial - Formação de Professores em Educação Especial: realidades, desafios e tensionamentos*. Universidade Federal de Santa Maria.
- UNESCO. (2021). *Inclusion in Education*. UNESCO.
- UNESCO. (2022). *Simpósio Latino-Americano de Inclusão, Diversidade e Aprendizagem: relatório final*. Escritório Regional.
- Universidad de Salamanca. (2023). *Congreso Internacional de Educación Inclusiva y Neurodiversidad* [Anais]. Universidad de Salamanca.
- Universidade Federal de Pelotas. (2023). *Simpósio Internacional de Educação Corporal e Cognitiva* [Anais]. UFPel.

Correspondência

Karina Bueno Timachi

Alameda das Magnólias, Qd. 15, Chácara 50 - Sítios
Recreio dos Bandeirantes Goiânia, GO, Brasil -
CEP: 74482-320

E-mail: buenojur.advocaciaconsult@gmail.com



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.